

Paralelo 38 e outras histórias



Copyright © 2013, Navras Digital

Projeto gráfico-editorial:
Gustavo Gonçalves do Nascimento

Produção:
Editora Navras Digital
Rua Antero Mota, 115 – Cordeiro – Recife-PE
www.navras.com.br
Fone|fax: 81 3083-2363

Sumario

A Estranha História de William Cobb

Parte I - A Chegada

Ele apareceu na pequena cidade assim sem mais nem menos. Do nada. Não falava coisa que fizesse sentido, embora tivesse jeito de gente inteligente. Tinha um sotaque estranho, um que eu nunca tinha ouvido antes. A roupa era daquelas que as pessoas usam em festas, embora atualmente possamos dizer que há pouca diferença entre as mesmas e as que se usam no dia a dia. Ele era a conversa da cidade. O boato era que um policial havia detido o estranho mas achou que ele era meio louco e era melhor deixar o assunto de lado. Sabe, essas coisas dão muito trabalho, papelada, promotor público, relatórios. A história das roupas eu já desvendara por conta própria. Vi uma notícia no jornal local a respeito de um fulano nu que entrou numa loja de roupas especiais para bailes, juntou algumas peças e saiu correndo. Só podia ser ele. Mas por que estava nu? De onde surgira? Obviamente, com o susto, ninguém da loja foi atrás dele. Mais tarde registraram o caso na polícia. Todos que tinham tido contato com ele – eu me incluo na lista - diziam que ele era calmo e não representava perigo.

William Cobb era seu nome. Pelo menos foi o que me disse quando falei com ele pela primeira vez. Cobb era educado, esperto, mas parecia assustado. Olhava tudo com muita atenção como se tentasse reconhecer as coisas. Com o tempo passamos a nos encontrar quase regularmente. Aos poucos fui me acostumando com seu jeito, com sua linguagem e tudo mais. Falava coisas desconexas. Aparentemente ele teve algum problema mental, talvez alguma experiência traumática. Nossa cidade, Alliance, no Nebraska, ele conhecia de nome, mas ele “achava” que era de Lincoln, a capital. Não sabia como tinha vindo parar ali, a uma distância de quase 400 milhas. Pensei em levá-lo para lá e descobrir algo mas ele se recusou, disse que não estava preparado, queria lembrar-se melhor de tudo. Falou que todo dia novas imagens vinham a sua mente, às vezes simples palavras, as vezes figuras humanas. Algumas palavras ou frases vinham do nada e na maioria das vezes não tinham uma imagem correspondente, eram apenas um amontoado de sílabas.

Não sabia o que pensar da situação toda. No começo todas as pessoas – a cidade era muito pequena - estavam como eu, interessadas, curiosas, imaginando mil coisas. Dá para calcular o que gente com pouca coisa para fazer pode pensar. Mas depois vem a rotina. Cobb se incorporou à paisagem, era o “louquinho” da cidade, não fazia mal a ninguém, tudo bem. No entanto, para mim havia ali algo de especial. Conversava praticamente todos os dias com ele. Minha mulher concordou e oferecemos um quarto para ele usar até que se estabelecesse, mas ele recusou. Supostamente as coisas deveriam ir ficando mais claras conforme o tempo fosse passando, mas, ao contrário, mais perguntas iam surgindo das minhas conversas

com Cobb. Uma vez me disse, por exemplo, que já tinha visto fotos de Alliance, agora se lembrava, mas eram muito diferentes do que estava vendo ali. O que estava presenciando, tudo, as coisas, as pessoas, os prédios, pareciam coisas do passado, coisas antigas. Havia pelo menos uma via expressa e uma outra estrada bem larga que ali não estavam. Era como se ele fosse do futuro. Nas fotos que ele vira, as pessoas usavam roupas completamente diferentes daquelas. Os carros, esses então, definitivamente nada tinham a ver com os carros das fotografias que vira. Mas ele reconhecia os mesmos por causa de filmes antigos que tinha assistido.

Era o ano de 1990. Muitas coisas que vemos hoje, naquela época ainda podiam ser consideradas como pertencentes ao reino da ficção científica. Por isso estranhei muito quando William um dia me falou de telefones enviando imagens instantâneas, de drones e muitas outras coisas. Ele me dizia que a data parecia correta – 1990 – mas tudo mais parecia ter voltado. Andou lendo coisas na biblioteca, jornais, revistas e ele praticamente sabia de tudo mas as datas estavam embaralhadas. Achou que tinha definitivamente enlouquecido. Tudo que via e lia parecia ter acontecido há 20 ou 30 anos atrás. As coisas atuais – para ele - haviam desaparecido e as datas dos jornais e das revistas pareciam estar erradas. Estava certo agora de que precisava da ajuda de um psiquiatra. Antes de ver um médico para a cabeça, no entanto, achei que ele deveria ver um médico regular, pois as duas pequenas queimaduras, uma na testa e outra no pescoço, que William tinha desde o primeiro dia, haviam aumentado bastante. Falei com ele sobre isto mas ele não me respondeu. Seu pensamento estava distante. Alguma coisa estava mudando em sua mente, tinha certeza disso. Talvez a vida que ele estava levando, dormindo aqui e ali, em bancos de praças, no mato, comendo coisas que as pessoas lhe davam, estivesse mexendo com seu orgulho, talvez o que quer que seja que lhe tenha acontecido, agora estava realmente pesando. Não foi falta de convidar: várias vezes para passar uns dias em casa, para passar fim de semana, para jantar. Nunca aceitou mas sempre agradeceu polidamente. Tinha deixado meu número de telefone com ele para alguma emergência mas ele nunca me ligou. Normalmente eu o encontrava no final do dia, no caminho de casa. Estava sentado em dos bancos da praça. Sempre passava algum tempo com ele, conversava. Mais de dois meses haviam se passado desde que ele “aparecera” na nossa comunidade.

Parte II – A Revelação

Por isso que, naquela manhã de domingo, seu telefonema me surpreendeu. Para ele ligar, alguma coisa diferente deveria ter acontecido. Ele estava bastante alterado do outro lado da linha, quando pus meu ouvido no aparelho. Falava rápido e um tanto descompassado. Perguntou-me se eu poderia vê-lo imediatamente. Lembrara-se de tudo e precisava falar comigo. Peguei o carro e em vinte minutos estava no lugar combinado. Pedi-me para levá-lo a um lugar nos arredores da cidade. Paramos ao longo de um grande terreno sem construção, com algumas pequenas árvores espalhadas lá e acolá. Antes de sair do carro, entretanto, contou-me a história mais fantástica que já tinha ouvido em minha vida. Seu pai era um professor de física, Robert Cobb, que trabalha para o governo em um projeto secreto de física quântica, coisa relacionado com teletransporte, viagem no tempo, etc. Cheguei a pensar que estava brincando, mas não, estava falando sério, ou pelo menos ele achava que sim.

Ele era o chefe de pesquisas e trabalhava em Lincoln, capital do Nebraska. O ano? Pasmem, 2029! O pai tinha tanta certeza de que tinha conseguido descobrir algo fantástico que resolveu fazer um experimento com o próprio filho, William, que era solteiro e também era fascinado pelo assunto. Se não houvesse necessidade de alguém como ele, físico de altíssima capacidade, para trazer “o viajante do tempo” de volta, faria o experimento consigo mesmo. Mas ele precisava ficar para o caso de uma emergência, talvez para fazer uma operação de resgate de volta para 2029 se algo desse errado. Diante de minha incredulidade, Cobb me explicou que de 2019 até 2025, ocorreram (ou ocorrerão?) descobertas fantásticas, desencadeadas por inesperados eventos na história da ciência, coisas que normalmente só aconteceriam daqui a 200 anos. É difícil acreditar, ele repetia a toda hora, mas era verdade. Ele me explicou que era impossível viajar para o futuro, mas perfeitamente possível para o passado. Imagine, disse ele, você falar para um homem da Idade Média que o homem iria para a Lua em 1969. Você deve estar sentindo a mesma coisa, mas, garanto, é normal ou vai ser, ele repetia. Ele me disse que seu pai recomendou inúmeras vezes que, se ele acordasse ou aparecesse em algum lugar distante, para não se desesperar, para marcar bem o lugar. O aparelho de transporte “não viaja” – permanece exatamente no mesmo ponto - e ele não conseguiria vê-lo, embora estivesse ali – “numa outra época”. Não sabia explicar porque ele aparecera em Alliance e não em Lincoln: talvez um acidente quântico. Muitas coisas ainda não tinham explicação. William me explicou que, no entanto, ele teria de ficar dentro de uma área distante não mais de três metros do ponto onde chegara para que o aparelho de 2029 o alcançasse de volta. O que aconteceu no entanto, foi que, alguma coisa afetou sua cabeça durante o evento e quando se deu conta, estava andando numa estrada de Alliance.

Tudo mudara agora. Ele se lembrava do local exato, até de um arbusto com flores amarelas, que foi a primeira coisa que vira por ocasião da chegada de sua jornada.

Saiu então do carro e me pediu para acompanhá-lo. Mostrou-me o arbusto, e também uma pequena área que aparentemente havia sido “chamuscada” por algo. Tenho de ficar aqui, me disse ele. Meu pai deve estar tentando me levar de volta. Ele só pode ligar a máquina durante meia hora por dia, por motivos técnicos. Ele deve estar tentando, ele me disse ofegante. Eu queria acreditar, desejava mesmo que fosse verdade, mas meu bom senso não me permitia. Pensei então que, definitivamente, William precisava de um tratamento psiquiátrico. Fui honesto com ele e disse o que pensava. Ele me falou então que sua memória estava prejudicada mas havia algumas coisas de que ele podia se lembrar de ter lido sobre os anos 90 e 91. Disse-me que a União Soviética iria desaparecer, e que haveria uma guerra no Iraque. Falou que talvez isso me ajudasse a acreditar nele depois que ele se fosse. Disse também que não sabia onde seu pai estava em 1990 mas talvez eu pudesse achá-lo. "Claro, ele não vai entender, porque tudo isso ainda não aconteceu, mas eu sei que agora ele já é um professor de física."

Parte III – A Volta

Fiz de tudo para trazer William de volta para a cidade mas ele estava obcecado e não queria sair dali. Passei algumas horas e depois desisti, precisava voltar para casa pois minha família deveria estar preocupada. Eu me despedi e ele respondeu com um adeus que parecia sincero e definitivo. Me agradeceu com um ar de quem diz “um dia você vai entender”.

Foi a última vez que vi William Cobb. No dia seguinte, depois do trabalho não voltei para casa. Ao contrário me dirigi para o terreno onde o havia visto pela última vez. Para minha surpresa, suas roupas estavam lá no chão, vazias, camisa abotoada, como se ele tivesse “evaporado”. Olhei para todos os lados, andei pelo terreno todo e não achei o William. Fiquei em dúvida, mas acabei levando sua roupa para casa. Aparentemente na cidade ninguém se preocupou com o desaparecimento de William. Ele se foi como chegou: como um fantasma.

Procurei esquecer o assunto mas nos meses seguintes sua imagem não me saía da cabeça. Resolvi então fazer o que deveria ser o óbvio: tentar achar o nome de “seu pai” na lista telefônica de Lincoln. Estava com dificuldade de aceitar a história de William ou talvez não quisesse participar de sua loucura e por isso demorei para tomar a decisão. Senti um calafrio quando descobri que existia sim um tal de Robert Cobb. Pensei muito antes de ligar mas finalmente criei coragem. Inventei uma desculpa para iniciar o assunto. Havia conhecido uma pessoa com o mesmo sobrenome dele e queria saber se o conhecia, se era parente, etc. Quando falei o nome “William Cobb”, ele riu do outro lado da linha. Perguntei por que estava rindo. Eu conheço sim, me disse ele, mas tenho certeza de que você não o encontrou. Ele nunca saiu daqui, tem apenas dois meses e nasceu no hospital local. Gelei e perguntei se poderia vê-lo se passasse por Lincoln. Claro, quando quiser, mas vai ser mais fácil você me encontrar na escola. Antes de eu perguntar, ele me disse, com orgulho – podia sentir na vibração de sua voz – que era professor de física. Nunca tive coragem de encontrar o sr. Robert Cobb, acho que ele, por mais que sua mente fosse aberta, iria rir da minha história.

Uma coisa é ler uma história de ficção científica e outra coisa é “viver” uma história dessas. O contato com uma experiência desse tipo é, embora fascinante, assustadora. De certa forma eu não queria acreditar nas “evidências”. Antes de escrever esta história – achei que tinha obrigação de fazê-lo – ainda passei por duas situações que me causaram arrepios. A primeira foi quando assistia a CNN em 18 de janeiro de 1991. As imagens da operação “Desert Storm”, no Iraque, trouxeram-me imagens vivíssimas de William. Meses mais tarde, pela segunda vez, senti arrepios: uma grande manchete de um jornal local comunicava o colapso oficial da União Soviética. Era 26 de dezembro de 1991. Apesar do pavor que às vezes sinto, gostaria de viver até 2029 e talvez conhecer pela segunda vez William Cobb. Claro, depois de sua volta para o futuro...

O Protocolo

A estação estava calma como sempre e o funcionário KS23-6788 realizava as inspeções de rotina. Há um bom tempo os humanos haviam parado de usar nomes para identificação. No entanto o KS23-6788 gostava do apelido que seu avô dera quando ele era bem pequeno ainda: Nick. Era uma coisa de família, pessoal. Quase todos achavam uma infantilidade usar esses nomes da época em que os humanos mal conseguiam navegar pelo espaço. Na verdade neste ano fazia 3 séculos que o homem, pela primeira vez, havia conseguido voar para fora de seu planeta e posar na Lua. O que na época foi algo espetacular, agora era considerado uma navegação grosseira, rudimentar e arriscada.

Nem os grandes escritores de ficção científica conseguiram antecipar os rumos que a exploração do espaço iria tomar. Na verdade foi a combinação de avanço científico e tecnologia, com o imprevisível, o acaso. As pessoas agora viviam muito mais, pelo menos 200 anos. Poderia ser mais, mas havia uma combinação de fatores sociais, científicos e econômicos, que fizeram o homem “optar” por cerca de 200 anos. Na verdade os indivíduos não morriam mais: eram “preservados” através do incrível e avançadíssimo sistema de criogenia administrado por computadores quânticos. Ninguém sabia ao certo os critérios de descongelamento, mesmo porque esses novos computadores eram programados mas depois se auto-reprogramavam. Tomavam então decisões por conta própria. Uma pessoa seria “descongelada” quando e se fosse necessário, de acordo com eles. Trariam de volta à vida número suficiente de humanos no caso de uma catástrofe ou de uma ameaça de extinção vinda do próprio planeta ou de fora.

Através do novo sistema de navegação espacial a espécie humana espalhou-se por inúmeros planetas. Basicamente instalavam algumas estações em cada um e essas continham alguns poucos humanos e inúmeros robôs, além de máquinas, que lentamente iam tornando o planeta habitável. Era um novo sistema de colonização. Agora os humanos eram “elaborados geneticamente” para sobreviver mais especificamente no local para onde foram designados. Seria quase impossível Nick voltar para a Terra, pois teria de ser “reelaborado” em sua configuração. Mesmo assim Nick às vezes sonhava com isso. Seu avô conseguira lhe transmitir algumas ideias saudosistas (por muitos consideradas perigosas) dos primórdios da colonização espacial empreendida pela raça humana. Cada vida durando dois séculos, não foi difícil as imagens e ideias do bisavô de Nick chegarem até ele.

O Planeta GP3467A não era dos piores. Até que lembrava de longe o nosso planeta. Em uma série de 8, a colônia estava na fase 3 de colonização completa. Fora da grande base inúmeros robôs trabalhavam enquanto Nick ficava a maior parte do tempo no interior. A atmosfera ainda era tênue e ele precisava sair com o equipamento apropriado. As grandes explosões que criariam uma atmosfera razoável só viriam na fase 6 e durariam quase um ano pelo tempo da Terra. Durante

a última semana Nick havia trabalhado intensamente com os computadores de comunicação para restabelecer a mesma. Não havia conseguido nada e ele estava preocupado, pois precisava de aprovação urgente para algumas alterações no programa. Era muito raro o corte completo de contato e por isso Nick havia tentado se comunicar, em caráter de emergência, com outras colônias. Isso normalmente não era permitido e a administração central da Terra normalmente era severa contra esse tipo de tentativa. Nick, no entanto, não estava preocupado com isso. O que o aborrecera tremendamente é que as mensagens recebidas do Planeta G9878B estavam truncadas e o pouco que se podia entender delas era profundamente preocupante. Havia a menção de que eles também não estavam conseguindo contatar a Terra e, pior que isso, haviam recebido uma mensagem gerada por computador de que havia emergência 3B segundo a classificação de emergências do centro geral de comunicação do sistema de colônias da Terra. Era profundamente perturbador para Nick que tanto a mensagem original do nosso planeta como a retransmissão através do Planeta G9878B não tinham chancela humana, ou seja, ficava a pergunta, havia humanos para validar a mensagem? Além disso emergência 3B estava a apenas dois passos da emergência L que era o último grau e que consistia numa autorização implícita de seguir seus próprios passos por falta de comando central. Quando a emergência atingisse o nível L, as colônias deveriam usar o Protocolo. O Protocolo certamente daria as instruções mas ninguém o havia usado antes e obviamente havia algo fatalístico sobre o conceito. O que mais assustava a respeito do assunto é que todos sabiam como funcionava o mecanismo. O Protocolo na verdade era um computador separado de todo o sistema e que só poderia ser acionado pelas colônias, se no Planeta Terra, o comandante chefe de comunicações ou alguém autorizado por ele não o ativasse por mais de uma hora. O fato de ninguém estar lá para acionar o Protocolo por esse tempo era obviamente estarrecedor e significava uma tragédia de inusitada proporção. Nick tinha esperança de que brevemente as comunicações seriam restabelecidas.

Para longas viagens no espaço ou para longos períodos de tempo sem atividade numa colônia, era usada a técnica do “adormecimento”. Isto permitia que um longo período se passasse com um consumo mínimo de energia e, principalmente, sem danos psicológicos para o astronauta ou colonizador. Além do mais, o nível de “adormecimento” era tão profundo que praticamente não contava como “tempo vivido” e se uma pessoa ficasse neste estado por um período longo, esse tempo estaria sendo acrescido a sua vida. No entanto, esta técnica só poderia ser usada por cerca de 10 anos. Mais do que isso seria necessário recorrer-se à criogenia, obviamente algo muito mais sério e definitivo. Todos sabiam que o uso do Protocolo estava ligado a uma dessas duas técnicas ou às duas. Foi por isso que, quando a ele recebeu de um planeta próximo a retransmissão de “condição L”, ou seja a emergência máxima, Nick realmente se assustou por mais preparado que estivesse psicologicamente. Até então ele havia ficado bem, mesmo quando, nas últimas semanas, toda a sua equipe, de 14 pessoas, havia sido removida para uma missão

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

